

DIVERSIDADE CULTURAL, CURRÍCULO E ESCOLA: POSSIBILIDADES PARA A PRÁTICA DOCENTE.

Abraão Felipe Santos de Oliveira – Estudante

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Resumo: Este trabalho se caracteriza essencialmente como uma pesquisa bibliográfica a cerca da temática diversidade cultural que tem chamado nossa atenção devido à falta do desenvolvimento de práticas educativas que dentro da escola busquem a promoção de ações que deem ênfase as questões ligadas a pluralidade cultural e a superação do monoculturalismo no processo de ensino aprendizagem que é realizado no espaço escolar. Ao longo deste trabalho abordaremos a questão de como a diversidade tem sido e esta sendo tratada pelas escolas, apontando que a diversidade e individualidade de cada aluno precisam ser compreendidas para que seja possível perceber como as diferença culturais, raciais, étnicas e de gênero poderão contribuir para um melhor desempenho dos alunos. Concluímos nosso trabalho apontando a importância de que a diversidade cultural esteja presentes nas práticas educativas dos professores, assumindo uma postura que problematize a questão da diversidade dentro do espaço escolar.

Palavras-chave: Pluralidade Cultural, Monoculturalismo, Práticas Educativas.

Abstract: This work is characterized primarily as a bibliographical research about cultural diversity theme has called our attention due to the lack of development of educational practices within the school to seek the promotion of actions that give emphasis the issues linked to cultural plurality and the overcoming of dominant monoculturalism in teaching learning process which is performed at school. During this work we will discuss the issue of how diversity has been and is being treated by schools pointing out that diversity and individuality of each student must be understood so that you can understand how the cultural difference, racial, ethnic and gender may contribute to better student performance. We conclude our work by pointing the importance that cultural diversity is present in the educational practices of teachers and adopt a posture that problematize the issue of diversity within the school space.

Key words: Cultural Plurality, Monoculturalism, Educational Practices,

Introdução

A pluralidade que segundo os PCNS “quer dizer a afirmação da diversidade como traço fundamental na construção de uma identidade nacional que se põe e repõe permanentemente, e o fato de que a humanidade de todos se manifesta em formas concretas e diversas de ser humano” (BRASIL, 1997, p. 19), tem chamado nossa atenção devido à falta do desenvolvimento de práticas educativas que dentro da escola busquem a promoção de ações que deem ênfase as questões ligadas a pluralidade cultural. Nosso interesse em discutir a diversidade que segundo Gusmão (2003) “nos espelha como parte das relações de poder que nos envolve em todas as dimensões da vida vivida, no nosso cotidiano e até mesmo ali onde sequer suspeitamos da sua existência” (p. 89-90), se dá, devido as discussões desenvolvidas

durante o terceiro período do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas em algumas disciplinas, que trouxeram uma abordagem sobre o tema da diversidade cultural, como foi o caso das disciplinas, Fundamentos Antropológicos da Educação, Currículo e Didática, onde inclusive encontramos autores que serviram como base para as discussões tanto em Didática como em Fundamentos Antropológicos da Educação. Por esse tema ter sido trabalhado de forma mais ampla o elegemos para o desenvolvimento dessa breve reflexão, que se caracteriza como um trabalho essencialmente de pesquisa bibliográfica a cerca da temática da diversidade cultural.

Consideramos ainda a importância que a diversidade cultural possui para a prática educativa, já que sua compreensão possibilita aos educadores uma avaliação das práticas desenvolvidas por eles, possibilitando a problematização dos problemas referente ao preconceito, a discriminação existente no espaço escolar, a desconstrução de uma escola que impõe a cultura tida como melhor e que renega a individualidade de dos seus alunos, entre outros.

Ao longo deste trabalho abordaremos a questão de como a diversidade tem sido e esta sendo tratada pelas escolas apontando que a diversidade e individualidade de cada aluno precisam ser compreendidas para que seja possível perceber como as diferenças culturais, raciais, étnicas e de gênero, entre outras, poderão contribuir para um melhor desempenho dos alunos. Em seguida discutimos a relação entre currículo, escola e cultura, esclarecendo que a os currículos das escolas são estabelecidos para reproduzir uma cultura elegida como a melhor ou mais adequada, deixando de lado as especificidades das demais culturas. Concluímos nosso trabalho apontando a importância de que a diversidade cultural esteja presentes nas práticas educativas dos professores, pois essa relação que se estabelecem entre diversidade cultural e o trabalho desenvolvido pelo professor é essencial para que a escola possa superar o monoculturalismo e adotar uma postura que problematize a questão da diversidade dentro do espaço escolar.

Diversidade e a escola

A problemática ocasionada pela diversidade cultural existente na sala de aula exige que os professores e a forma como a escola foi e esta estruturada passe por mudanças, pois a partir do momento em que a diversidade e individualidade de cada aluno forem compreendidas será possível perceber como as diferenças culturais, raciais, étnicas e de gênero poderão contribuir para um melhor desempenho dos alunos, da mesma forma que se essa

individualidade não receber a atenção necessária poderá ocasionar o efeito contrário “o fracasso do aluno”, que muitas vezes não é percebido de imediato, mas no futuro poderá se concretizar.

A escola vai se estruturar historicamente com o objetivo de transmitir cultura, como nos mostra Candau e Moreira:

“A escola é uma instituição constituída historicamente no contexto da modernidade, considerada como mediação privilegiada para desenvolver uma função social fundamental: transmitir cultura, oferecer às novas gerações o que de mais significativo culturalmente produziu a humanidade”. (CANDAU e MOREIRA, 2003, p. 160).

Dentre tudo o que foi produzido pela humanidade, àquilo que pode ser considerado como mais relevante vai sendo introduzido nos currículos, no livro didático e reproduzido, deixando de lado alguns elementos que para a cultura dominante não tem uma representação importante, mas que, no entanto esta diretamente ligado e fazendo parte da vida dos alunos e indivíduos que se relacionam na escola e em seus demais espaços como salas de aula, coordenação, refeitório, etc.

“A problemática das relações entre diversidade cultural e cotidiano escolar constitui, portanto, um tema de especial relevância para a construção de uma escola verdadeiramente democrática hoje. No entanto, esta ainda é uma questão pouco trabalhada entre nós, quer seja pela reflexão pedagógica em geral, como, mais concretamente, no âmbito da didática.” (ANHORN E CANDAU, 2000, p. 2)

A escola possui um caráter diversificado com relação aos indivíduos que a compõe, cada um destes, seja aluno ou professor possui uma cultura própria, consideramos que “a cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Quando se considera as culturas particulares que existem ou existiram, logo se constata a grande variação delas” (SANTOS, 2006, p. 8) . A escola não encontra-se pronta para lidar com essas diferenças quer seja no desenvolvimento das práticas pedagógicas, quer seja no seu currículo. Segundo Gusmão, Citado por Rocha e Tosta (2009, p. 125) (...) “a escola centrava-se em um aluno modelo, desconsiderando a diversidade da comunidade escolar e seu entorno, e, para controla-lo, atuava de formas autoritária”. Contrapondo-se a ideia de não considera a diversidade da comunidade escolar e seu entorno, podemos destacar um trecho do relato da professora Madalena Freire em que ela diz:

(...) o erro não está nas crianças, mas sim na escola alienada da realidade das crianças. Não são as crianças que estão despreparadas para a escola, mas sim a escola que desconsidera as diferenças de classe social e suas reais necessidades. (FREIRE, 1986, p. 101).

Nesse trecho percebemos que, a escola e os mecanismos utilizados para a aprendizagem do aluno necessitam levar em conta as suas diferenças e a realidade em que cada um se encontra, por exemplo, se considerarmos o trabalho que é desenvolvido em uma escola localizada em um bairro de classe média e frequentada por alunos de classe média e o trabalho de uma escola do subúrbio e frequentada por alunos do subúrbio, veremos que a compreensão que cada um desses alunos terá sobre o mundo, sobre a realidade será diferente, pois cada um deles possui uma realidade diferente, tanto se os considerarmos como grupos (alunos do subúrbio e alunos de classe média) como se considerarmos a individualidade de cada um.

A necessidade que os professores compreendam a importância do desenvolvimento de práticas pedagógicas que estejam permeadas por uma visão multiculturalista, torna-se fundamental, pois a escola passou a ser um espaço em que as mais diferentes culturas começaram a estar presentes e a interagir. Após essa compreensão será possível perceber que “não são as crianças que são burras, mas sim a cegueira daqueles profissionais que imaginam que alguma criança pode encontrar significado num conteúdo fora de sua realidade, em algo que ela não vive”. (FREIRE, 1986, p. 101).

O espaço escolar normalmente tem sido o primeiro local de socialização coletiva da criança, que anteriormente havia passado por um processo de socialização individual, junto dos seus pais e familiares, e agora passará a conviver com as diferenças. Deve-se destacar que a escola é o *locus* por excelência que primeira socialização própria para as crianças, como nos aponta Ariès (1981), e mais que isso, a escola deve ser compreendida também como um espaço de sociabilidades, de trocas de experiências sociais e culturais (GUSMÃO, 2003).

No entanto as escolas, as práticas pedagógicas, os currículos e a formação dos professores não têm sido baseada nessa pluralidade cultural. Por esse motivo torna-se necessário o levantamento de questões que ajudem a compreender como a escola tem contribuído para a existência da desigualdade e da diferença, já que esta não possui uma atitude que considere relevante o multiculturalismo, a diversidade e a individualidade de cada aluno.

Escola, currículo e cultura

*Do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática **imobilizadora e ocultadora** de verdades. (Paulo Freire)*

Em diversos aspectos é possível perceber como a escola se organiza para produzir nos alunos o que é esperado pela classe dominante. Os currículos das escolas são estabelecidos para reproduzir uma cultura elegida como a melhor ou mais adequada, deixando de lado as especificidades das demais culturas. Com relação a isso MOREIRA & SILVA Citados por TROQUEZ diz que

[...] o currículo é considerado um artefato social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação (MOREIRA & SILVA, 1995, p. 08).

Desse modo o currículo tem sido um dos mecanismos que contribuem para a reprodução cultural, graças a sua capacidade de produzir como já foi dito anteriormente, identidades individuais e sociais particulares, Além do currículo explícito a escola apresenta outros mecanismos que contribuem para a reprodução cultural, como por exemplo, os regulamentos, as regras, a forma como os alunos e os professores são dispostos dentro da sala de aula, os horários de entrada, intervalo e saída, e as normas que são estabelecidas são alguns dos elementos que caracterizam o currículo oculto. Os alunos devem ir se adequando já na escola as “atitudes, comportamentos, valores e orientações que permitem que crianças e jovens se ajustem da forma mais conveniente às estruturas e às pautas de funcionamento, consideradas injustas e antidemocráticas e, portanto, indesejáveis, da sociedade capitalista” (SILVA, 2007, p. 78-79) recusando a sua própria cultura.

O professor precisa assumir uma nova postura em relação às concepções que tem sobre a escola, sobre a forma como ela esta estruturada, sobre o currículo e as suas contribuições para a reprodução cultural, e como a adoção de uma nova postura pode contribuir para um melhor funcionamento do espaço escolar. Além da necessidade de

mudanças na forma como o currículo esta organizado para que se leve em consideração as diversas culturas que compõe o espaço escolar. Consideramos também que durante o desenvolvimento do trabalho docente pode surgir a necessidade de mudanças na forma como os regulamentos, as regras, a forma como os alunos e professor são dispostos dentro da sala de aula, os horários de entrada, intervalo e saída, e as normas que são estabelecidas. Um exemplo de mudança foi relatado pela professora Madalena Freire que sempre trabalhou “com crianças de classe media, na faixa dos 2 aos 8 anos” (FREIRE, 1986, p. 101) e sempre acreditou que

“fosse possível viver com as crianças da periferia (explorados, e não carentes) dentro da mesma concepção de educação, uma prática criadora, transformadora, que partisse da apropriação dos sujeitos, criança-professor, do seu processo de conhecimento. Conhecimento de si e do mundo” (FREIRE, 1986, p. 101)

e durante o desenvolvimento do seu trabalho foi percebendo a necessidade de ajustes no desenvolvimento do seu trabalho. Segundo ela:

“fui tomando consciência de que o meu desafio estava em recriar a minha prática de professora, até então com crianças de classe média, em tudo o que eu sabia. Não que eu não tivesse claro que esta era outra realidade, e portanto a minha prática seria outra. Mas é que a constatação do estar começando tudo de novo era (e é ainda) muito forte.” (FREIRE, 1986, p. 87)

Um exemplo de mudanças realizadas por ela durante a sua experiência pedagógica na Vila Madalena foi a necessidade de mudar a forma como a sala de aula estava organizada, alterando a forma tradicional da organização para que fosse possível ver e ouvir todos os seus alunos.

Em seu relato ela diz:

“No primeiro dia, as mesas e as carteiras estavam arrumadas do modo como geralmente a tradição concebe a escola e a relação professor-aluno. As carteiras enfileiradas, a lousa ao lado da mesa, distante da professora. É interessante salientar que apesar do esforço feito antes do primeiro dia de aula, nas visitas que fiz ao salão, no sentido de mudar, de reorientar a arrumação da sala, nada, ou quase nada, consegui no principio das atividades. Assim no primeiro dia de aula, lá estavam as carteiras enfileiradas, a lousa ao lado da mesa distante da professora.

Percebi que de nada adiantaria partir da minha compreensão da escola, ou seu arranjo, separada da deles, mas sim, juntamente com

eles, tentar na prática diária, superar aquela visão tradicional do espaço escolar. Por isso mesmo, o ponto de partida só poderia ser da com preensão que tinham da escola, de que a organização das cadeiras e lousa é uma parte.

Neste início, (...). Foram sentando nas cadeiras, distante da “minha mesa”... logo comecei a escutar:

- “Meu menino é muito pequeno, ele tá lá atrás, como vai ver a *senhora*?”

(...)

Aproveitei a oportunidade para, concordar com elas sobre o que me diziam em torno da má colocação em que se achavam seus filhos na sala, começar a propor novamente, agora em momento adequado, a reorganização, o arranjo da sala. Fui, então, perguntando:

- Como a gente pode arrumar, pra que todo mundo se veja, me veja, e eu fique mais perto deles?

E assim as cadeiras começaram a compor o arredondamento que eu sonhara...” (FREIRE, 1986, p. 86)

Com essa atitude foi possível que ela estivesse mais próxima dos alunos, que os visse e ouvisse melhor o que era dito por eles. Certamente essa mudança na disposição foi feita na intenção de perceber as especificidades de cada aluno já que isso seria muito difícil devido ao grande número de alunos (35) que compunham a sala de aula e também de fazer com que os alunos sentissem-na mais próxima deles. Em outros momentos de seu relato Madalena Freire mostra as estratégias que utilizou no decorrer do seu trabalho como o objetivo de ir aprimorando a sua prática e se adequando a realidade de seus alunos.

Podemos entender que a adoção das estratégias utilizadas por Madalena contribuiu de forma significativa no trabalho desenvolvido na Vila Helena, pois ela busca conhecer seus alunos e ouvi-los apesar de todas as dificuldades que surgem devido ao elevado número de alunos. Ela entende que a suas experiências anteriores desenvolvidas com alunos de classe média não poderiam ser desenvolvidas com os alunos da Vila Helena, ela leva em consideração o entorno em que viviam aqueles alunos e trabalha com eles (na medida do possível) a partir da realidade que cada um vive.

Por isso consideramos que a escola deve ser um espaço aberto para a discussão de novas estratégias no desenvolvimento das suas mais diversas práticas que levem em consideração a individualidade de seus alunos, a pluralidade da sala de aula, levando em conta a realidade a qual os alunos que a frequentam vivem.

O currículo como um dos principais mecanismos de imposição da cultura dominante deve ser repensado, pois

julgamos que, se os currículos continuarem a produzir e a preservar divisões e diferenças, reforçando a situação de opressão de alguns

indivíduos e grupos, todos, mesmos os membros dos grupos privilegiados, acabarão por sofrer. A consequência poderá ser a degradação da educação oferecida a todos os estudantes. (CANDAU e MOREIRA, 2003, p. 157).

As questões relacionadas à cultura precisam ser desenvolvidas nas práticas e nos currículos levando em consideração a pluralidade da escola o que “requer do professor nova postura, novos saberes, novos objetos, novos conteúdos, novas estratégias e novas formas de avaliação” (CANDAU e MOREIRA, 2003, p. 157). A escola não deve ser um estabelecimento onde se ensina uma cultura tida como a melhor, mas sim um espaço onde ocorra

“cruzamento, conflitos e diálogos entre diferentes culturas. (...) Tal perspectiva exige que desenvolvemos um novo olhar, uma nova postura, e que estejamos capazes de identificar as diferentes culturas que se entrelaçam no universo escolar, bem como de reinventar a escola, reconhecendo o que a especifica, identifica e distingue de outros espaços de socialização: a “medição reflexiva” que realiza sobre as interações e o impacto que as diferentes culturas exercem continuamente em seu universo e seus autores ” (CANDAU e MOREIRA, 2003, p. 160 – 161).

O que tem sido reproduzido e considerado como significativo nas praticas educativa é o que tem alguma ligação com a cultura dominante, o que é considerado como “o melhor”,

“(...) a sociedade do “eu” é a melhor, a superior. É representada como o espaço da cultura e da civilização por excelência. E onde existe o saber, o trabalho, o progresso. A sociedade do “outro” é atrasada. É o espaço da natureza. São eles os selvagens, os bárbaros. São qualquer coisa menos humanos, (...).” (ROCHA, 2004, p. 9).

Torna-se por tanto necessário à adoção por parte dos educadores estratégias que permitam a superação do monoculturalismo, enxergar que a escola se constitui pela diferença, e que muitas vezes essa diferença causam instabilidades devido ao preconceito existente em sala de aula, quer seja de ordem racial, sexual, religiosa, etc. muitas vezes esse preconceitos não são evidenciados ou não tem sido dado a importância real para essa questão. Fundamental seria que o preconceito fosse discutido e não tratados de forma natural, problematizar essa questão colocando em evidencia que o “diferente” é “normal”.

Práticas educativas permeadas pela diversidade cultural permitiriam aos educadores

compreender melhor os determinantes do fracasso escolar. Além disso, favorece a retomada da discussão sobre os conteúdos escolares, oferece elementos para se trabalhar questões como violência e disciplina, preconceito e discriminação, bem como desvela questões étnicas e de gênero presentes na escola, ajudando a “ver” e “lidar” com as diferenças presentes na sala de aula (...) (CANDAUI, 2011 p. 249).

Consideramos por fim que o essencial para que a escola possa superar o monoculturalismo social, é a adoção de uma postura que problematize a questão da diversidade dentro do espaço escolar, que a diferença dos alunos não seja vista como algo de errado, mais sim como uma característica própria daquele indivíduo, não sendo ela própria um espaço reprodutor do preconceito e da cultura dominante, nem que esta cultura dominante seja a base para a formulação dos seus currículos, que os professores sejam capacitados para compreender as diferenças, e que as condições de trabalho destes professores possibilite a percepção destas diferenças.

Considerações finais

Os problemas existentes entre as relações que se estabelecem entre a diversidade cultural e as práticas educativas necessitam de trabalhos que busquem a problematização deste tema, objetivando a superação da visão monocultura da escola, possibilitando a existência de uma escola que considera a pluralidade de seus alunos. A forma como a escola vai se estruturar historicamente com o objetivo de transmitir cultura, traz reflexos até os dias atuais, nesse sentido consideramos a discussão sobre diversidade cultural fundante na formação de professores e na práticas educativas que eles desenvolveram em seu trabalho, esse novo olhar poderá possibilitar a reflexão a cerca de práticas que reproduzem o monoculturalismo no espaço escolar .

O currículo tem sido um dos mecanismos utilizados pela escola e se estabelecem para reproduzir uma cultura elegida como a melhor ou mais adequada, os professores em sua praticas precisam estar atentos ao que se propõe no currículo, buscando discutir novas estratégias no desenvolvimento das suas mais diversas práticas que levem em consideração a individualidade de seus alunos. A escola compreendendo o lugar que a diversidade cultural ocupa, possibilita a não reprodução e imposição cultural, proporcionando que os indivíduos envolvidos no processo de ensino aprendizagem possam se desenvolver de forma plena.

Nosso trabalho buscou discutir a diversidade cultural como elemento existente na escola e as possibilidades que o desenvolvimento de práticas educativas que discutam e que

deem a atenção necessária a essa questão podem contribuir com o processo de ensino aprendizagem dos alunos e nas relações que desenvolvem com os todos os outros integrantes do espaço escolar e conseqüentemente da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Infância e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas**. Currículo sem Fronteiras, v. 11, p. 240-255, 2011.
- CANDAU, Vera Maria F., ANHORN, Carmem. **A questão da didática e a perspectiva multicultural: uma articulação necessária**. Trabalho apresentado na 23ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, 2000.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **Educação Escolar e Cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, Brasil, v. -, n.n.23, p. 156-168, 2003.
- FREIRE, Madalena. **História que começa**. Caderno de Pesquisa 56, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FRIGÉRIO, Neide Aparecida; PAIM, Eliane Rosário. **O desafio de trabalhar a diversidade cultural na escola**. Disponível em: <<http://www.univen.edu.br/revista/n005/O%20DESAFIO%20DE%20TRABALHAR%20A%20DIVERSIDADE%20CULTURAL%20NA%20ESCOLA.pdf>>. Acesso em 02 de out. 2012.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **"Os desafios da diversidade na escola"**. in: _____. (org.) **Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados**. São Paulo: Biruta, 2003.
- ROCHA, Everaldo. **O que é etnocentrismo**. 21. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- ROCHA, G.; TOSTA, Sandra. **Antropologia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo : Brasiliense, 2006.